



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**ANDRÉ HENRIQUE CHABARIBERY CAPI**

**(depoimento)**

**2015**

**CEME-ESEF-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA



**Projeto:** Garimpendo Memórias

**Número da entrevista:** E-628

**Entrevistado:** André Henrique Chabaribery Capi

**Nascimento:** não informado

**Local da entrevista:** Universidade Federal de Minas Gerais – Belo Horizonte

**Entrevistadora:** Luiza Aguiar dos Anjos

**Data da entrevista:** 20/11/2015

**Transcrição:** Ian Massumi Carneiro Ogawa

**Copidesque:** Pamela Siqueira Joras

**Pesquisa:** Pamela Siqueira Joras

**Revisão Final:** Silvana Vilodre Goellner

**Total de gravação:** 46 minutos e 16 segundos

**Páginas Digitadas:** 15 páginas

### **Observações:**

Entrevista realizada para o projeto *Memórias do Programa Esporte e Lazer da Cidade/Vida Saudável* desenvolvido pelo Centro de Memória do Esporte.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

## **Sumário**

Formação profissional; Trajetória acadêmica; Atuação no campo do lazer; Inserção no Programa Esporte e Lazer da Cidade; Preparação para atuar como formador; Conteúdos trabalhados na formação de agentes do Programa Esporte e Lazer da Cidade; Envolvimento agentes sociais e da comunidade; Avaliação do Programa Esporte e Lazer da Cidade; Programa Vida Saudável; Políticas públicas em esporte e lazer.

Porto Alegre, 20 de novembro de 2015. Entrevista com André Henrique Chabaribery Capi a cargo da pesquisadora Luiza Aguiar dos Anjos para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

L.A – Obrigada André, pelo tempo disponibilizado, queria que você começasse me falando um pouco sobre a sua formação.

A.C – Formado em Educação Física por uma fundação. Comecei a licenciatura plena em 1993 e concluí em 1996, fiz uma especialização na área de exercício físico, saúde e personal training em 1999. Em 2004 ingressei no mestrado em Educação Física na área de concentração de lazer e estou fazendo doutorado aqui na UFMG<sup>1</sup>, meu ingresso foi em 2012 e tenho prazo para finalizar até setembro de 2016 no Programa de Pós-Graduação e Estudos do Lazer.

L.A – E você pode falar um pouco mais especificamente dessa temática do lazer ao longo da sua trajetória, tanto em pesquisa quanto em atuação?

A.C – Bom, a minha inserção no lazer foi pelo viés da atuação profissional como recreador, como animador de festa, monitor de festa em colônia de férias, em clubes ainda como estudante de Educação Física, isso em final de 1993, início de 1994. Eu comecei a trabalhar como monitor de festas e fiz isso durante uns oito ou nove anos. Paralelo a isso eu era professor, era inicialmente monitor de natação e hidroginástica e fazia paralelamente esse trabalho de animação de festa e fui levando isso durante um bom tempo. Em 1999 eu ingressei em um grupo de pesquisa na UFSCar<sup>2</sup> para tentar entender melhor o que era essa recreação que me incomodava, tive um primeiro contato [silêncio] com o lazer mesmo, que até então eu trabalhava na perspectiva de executar ações e desenvolver atividades com crianças em clubes. Eu queria entender um pouco melhor isso. Em 2002, eu assumi a coordenação de um clube na cidade que eu moro, era professor do clube e me convidaram para ser coordenador de esporte e lazer. Foi o divisor de águas para eu falar agora para vocês entenderem um pouco melhor o que é isso. Eu comecei a procurar cursos de pós-

---

<sup>1</sup> Universidade Federal de Minas Gerais.

<sup>2</sup> Universidade Federal de São Carlos.

graduação na área e foi quando eu achei a UNIMEP<sup>3</sup> que tinha um mestrado em Educação Física e tinha essa linha de pesquisa em lazer, meu ingresso com a pesquisa se deu por aí. Fui fazer o mestrado, primeiro como aluno especial e depois consegui ingressar em 2004 como aluno regular. Comecei a me aprofundar mesmo nos estudos de lazer, e de lá pra cá foram aparecendo várias oportunidades de atuar no campo em outra perspectiva, aí eu defini mesmo essa área como uma área que eu queria me aprofundar, estudar. Algumas coisas foram acontecendo concomitantemente, antes de terminar o mestrado ingressei como professor universitário, não com disciplina ligada ao lazer, mas com o tempo foram surgindo as disciplinas de lazer e recreação para eu trabalhar. Terminando o mestrado, tive possibilidade de participar do edital para entrar como formador do PELC<sup>4</sup> em 2007. Terminando o mestrado, depois de cinco, seis anos, eu resolvi tentar continuar os estudos na área do lazer e prestei aqui o processo seletivo na primeira turma da UFMG da pós em estudos do lazer e estou aí nessa caminhada.

L.A – Você mencionou já seu ingresso em 2007, você desde 2007 está continuamente dentro do Programa?

A.C – Desde 2007 continuamente, em 2010 teve uma mudança, foi destituído um grupo que tinha que foi constituído por esse edital de 2007, e eu optei por tentar novamente permanecer. Teve todo um processo seletivo que exigia o nosso envolvimento com a pós-graduação, especificamente com uma instituição federal, era um dos pré-requisitos e eu não tinha esse vínculo, mas acho que isso também acabou sendo um elemento que me provocou a continuar esse processo formativo. Eu elaborei o projeto, você tinha que mandar um projeto, além da inscrição, tinha que mandar um projeto, esse projeto ia ser avaliado junto com o currículo e depois, em uma segunda fase, seria a entrevista. Eu falei: “Ah vou mandar o projeto e depois se eu for classificado para continuar como formador vou procurar possibilidades de me vincular a uma instituição federal para poder ser formador”, então, isso me fez, em 2010, me matricular como aluno especial aqui no... Ainda não tinha o doutorado na UFMG, o caminho foi me matricular como aluno especial em algumas disciplinas no mestrado aqui, eu me envolver com disciplinas de mestrado na UFSCar que é outra federal mais próxima da cidade na área da educação, e isso também

---

<sup>3</sup> Universidade Metodista de Piracicaba.

<sup>4</sup> Programa Esporte e Lazer da Cidade.

me ajudou a delinear um pouco e a me provocar a concorrer ao doutorado, por exemplo. Depois de ter o ingresso no doutorado, então esse vínculo já estava estabelecido, porque eu consegui ingressar em uma universidade federal.

L.A – E como você entende que aconteceu sua preparação para exercer essa função de formador?

A.C – Eu tinha uma compreensão de trabalhar com programas e projetos, especificamente com programas públicos, projetos públicos de esporte e lazer foi o primeiro. Eu atuava no setor corporativo, um clube social recreativo, e a proposta, a compreensão que se tem de programas de esporte e lazer nesse setor, no setor corporativo, setor privado é diferente do setor público, o como atuar enquanto formador, a qualificação, ela foi se dando mesmo com a pós-graduação. Acho que consegui ampliar a possibilidade de intervenção, entender um pouco melhor como pode ser essa atuação, principalmente na perspectiva... de entender a área do lazer, quais são as possibilidades, o vínculo com os grupos de pesquisa e a própria proposta do Programa, como a formação é um eixo norteador, ela acaba permitindo que a gente vá reconstruindo, resignificando, qual é a nossa função? Qual que é o nosso papel? Como é esse trabalho? Quais são os elementos que devem nortear nossa ação? O próprio Programa, as características do Programa, nos ajudam na nossa qualificação, na atuação como formador.

L.A – Como que você planeja e organiza as formações que você vai executar?

A.C – O próprio Programa ele nos propõe, propõe não, ele define algumas metodologias, alguns eixos norteadores, algumas diretrizes. A gente faz o planejamento das formações sempre dialogando com esses documentos que chamamos de diretrizes e uma delas, por exemplo, é você sempre considerar as características do convênio, então, o PELC já teve alguns formatos de conveniamento. Antes existia conveniamento com ONG<sup>5</sup>s e com o setor público, hoje é só com o setor público. Quando era com ONG, levávamos a característica da instituição e do local onde essa ONG ia desenvolver o Programa. Qual era a parceria? Era com clube? Era com uma associação de moradores? Era com uma

---

<sup>5</sup> Organizações não governamentais.

associação comunitária? Desde 2012, não vou me recordar assim exatamente quando ficou definido que só poderia ser com setor público. A gente leva em consideração a característica da cidade, da população, do bairro, tentava entender um pouquinho se essa cidade já tinha política pública de esporte e lazer ou não. Quais eram as características dos agentes sociais que eles estavam pensando em contratar. Analisávamos o projeto pedagógico, que a gente chama de PP, é o primeiro documento que consultamos, por exemplo, é nesse PP que a instituição, a entidade, inserem essas informações, o porquê de estar solicitando o projeto, qual o objetivo dela, justificativa, as características da cidade. E a partir daí, a gente também procura buscar outras informações através do contato com o responsável por essa entidade, que chamamos de gestor, a gente usa um pouco dessas estratégias para poder pensar e planejar a programação dessas formações sempre considerando quais são os temas de conteúdos que estão previstos. São quatro módulos, hoje, o edital é de quatro módulos, e é interessante falar também que esse formato da formação foi sendo reconstruído, ressignificado ao longo do Programa. Se pensarmos, em 2007, quando a gente ingressou enquanto formador, e acho que é um dado interessante, a própria forma que a gente se relacionava com as entidades para fazer a formação é diferente de hoje. Em 2007 quem entrava em contato com o formador era a própria entidade, eu fui fazer uma primeira formação em 2010, de 2007 a 2010 eu não fiz nenhuma formação, talvez por ainda não ter o contato com as instituições, com as prefeituras, com as ONGs, e éramos um grupo de setenta e sete formadores. Os formadores que já tinham mais articulação, que estavam desde 2004 nos projetos do PELC, tinham mais acesso a isso, inclusive, foi um dos elementos que na minha concepção provocaram essa mudança no grupo de formadores e fez com que a Secretaria<sup>6</sup> e o Ministério<sup>7</sup> pensassem em outra forma de contratar esses formadores de 2007 até 2011, 2012, quando mudou esse processo de contratação, que a gente virou bolsista, também foi provocado por isso. Quem está fazendo essas formações? Eles pensaram em várias estratégias: “Ah, vai ter o nome dos formadores no site do Ministério, e a entidade entra lá e seleciona o que está mais próximo da sua...”; “Ah, uma cidade do norte vai ver se tem algum formador no norte e vai entrar em contato com ele”; “Ah não deu certo, põe lá o nome de todos os formadores e o formador que tiver lá em primeiro é o que está na vez da formação...” A própria gestão da formação do município entender que não tinha um grupo de técnicos, um grupo de profissionais dentro

---

<sup>6</sup> Secretaria Nacional de Esporte, Educação, Lazer e Inclusão Social (SNELIS).

<sup>7</sup> Ministério do Esporte.

do Ministério para fazer a gestão dessa formação também foi um motivo. Então vamos tentar uma parceria com uma instituição pública, uma universidade que tem um pouco dessa expertise na área da formação e talvez esse também tenha sido o critério para fazer a parceria com a UFMG que historicamente tem uma trajetória nos estudos do lazer desde lá atrás, tendo o mestrado, enfim, então esse diálogo constante com as diretrizes do Programa, com as características da entidade é o que norteia o nosso planejamento pedagógico.

L.A – E tem alguma temática específica que você procura dar maior ênfase ao longo das formações?

A.C – Isso depende muito de qual módulo. O módulo introdutório, e é uma discussão que esta tendo nos nossos... Sempre tem nos nossos encontros. A gente tenta qualificar, por exemplo, os conceitos básicos de cultura, esporte e lazer, tenta fechar essa formação, esse módulo introdutório um com a grade horária. Como pensar uma grade horária que vá permitir ao convênio disponibilizar para a comunidade atividades diversificadas, que a gente trabalha com uma concepção de lazer, em que o lazer não é só o esporte, mas muita entidade ainda busca o conveniamento achando que o PELC é um programa de esportes. Desconstruir essa concepção, primeiro, de que esporte é esse? Ainda eles colocam o esporte dentro de uma mesma sacola, o que é o esporte recreativo, o esporte participativo? É o mesmo esporte de competição? Desconstruir um pouco isso e mostrar que o lazer tem outras atividades que podem ser desenvolvidas para a comunidade é um desafio, depois concretizar isso na grade horária. O nosso desafio do módulo introdutório, por exemplo, é pegar o PP deles, que já vem formatado, eles elaboraram uma grade horária para poder fazer o projeto, e mudar essa grade horária, até porque quando eles contratam os agentes sociais, e esses agente sociais vão para formação, muitas vezes o gestor não teve essa compreensão ao ler o edital, de que o lazer é constituído de várias atividades, não só de esporte, ele contempla essa grade horária, fica mais fácil da gente ajuda-lo a reorganizar. Mas quando ele não entende, ele fica fechado ainda como o lazer só no viés esportivo, desconstruir isso e fazer os agentes sociais entenderem que eles podem trabalhar com outros conteúdos, mesmo que ele não tenha formação para isso. Às vezes ele tem uma experiência em outro tipo de atividade e ele pode levar isso para o Programa, é o desafio do módulo introdutório, por exemplo. Nos outros módulos, a gente tenta desenvolver



outras temáticas que são importantes, como por exemplo, o planejamento participativo que é o que vai permear toda a proposta do Programa que é chegar lá na frente e contribuir com a política pública daquela cidade, como essa política pública que está chegando lá com o PELC tem uma proposta de ação e pode contribuir com a qualificação da política pública que a cidade já tem. Muitas cidades não tem talvez o PELC vá ser um pontapé inicial para ela começar a pensar nessa política pública, provocar que as ações do convênio, as oficinas, os eventos, valorizem esse envolvimento da comunidade, para que a comunidade se aproprie do lazer como um direito social, para que as pessoas entendam que o lazer também é um direito social assim como a saúde, como é a educação, para, de repente, essa própria comunidade criar demanda nesse município. Enfim, são temáticas que eu entendo significativas para que não seja um programa passageiro. Vai lá, passou, atendeu a comunidade durante aquele período que está previsto, hoje são vinte quatro meses, quatro de estruturação e vinte de atendimento, e acaba. Depois dos vinte quatro meses não ficou nada. O planejamento participativo, o envolvimento das pessoas nas ações, apropriação das pessoas, de alguns elementos que estão previstos no Programa como, por exemplo, o conselho gestor, o que é esse conselho gestor? A atuação do controle social, então são todos os elementos que a gente bate muito na formação, trabalha bastante para conscientizar que o Programa não é só oferecer um rol de atividades e que vai ser passageiro e vai terminar.

L.A – E quais são as suas principais estratégias metodológicas?

A.C – Eu trabalho muito com a estratégia da ação comunitária, ela se apropria dessa valorização da participação das pessoas, desse compartilhamento de tarefas, de estratégias, de desenvolvimento, de planejamento das ações, de execução das ações, de avaliação das ações. É uma estratégia que vai mapear toda essa comunidade, vai tentar identificar quem são as pessoas, quem são os grupos que já são referências na comunidade e podem ajudar nesse processo que a gente chama de sensibilização, depois da operacionalização e desenvolvimento das ações, do mapeamento. Eu entendo a ação comunitária como uma estratégia que ajuda o convênio entender, os agentes sociais entenderem que o Programa não é para ser feito para as pessoas, mas é para ser feito com as pessoas. Durante as formações, eu uso muito de estratégias em que essas características da ação comunitária, ela fica bem estabelecida, eu vou trabalhar um tema sobre barreiras para vivência do lazer,

a gente trabalha com o esquete, por exemplo. Então vamos lá, um grupo vai tentar fazer uma cena aí de um deficiente tentando ter acesso ao esporte e lazer com essas dificuldades que ele encontra o idoso, a criança, eu trabalho muito com dinâmica. Uma das estratégias é usar a ação comunitária, mas na prática é desenvolver essa estratégia de ação comunitária através de dinâmicas em que eles possam compreender como se concretiza. Dividir o grupo em comissões, dividir o grupo que está lá na formação, o grupo dos agentes, tem vinte agentes sociais, nos três dias de formação cada grupo de agente vai desenvolver, vai desempenhar um papel ao longo dos três dias de formação, para eles já irem se apropriando disso, de como é importante você trabalhar coletivamente, não individualmente. São todas as estratégias que a gente vai tentando articular com as diretrizes do Programa, com os conceitos centrais do Programa: “Está vendo, aqui está acontecendo a participação, aqui está acontecendo o trabalho coletivo” para que através dessas estratégias, eles possam concretizar o que efetivamente o Programa quer.

L.A – Queria que você me falasse um pouco da visita técnica, como é que você organiza? Qual você acha que é a importância dela?

A.C – Essa visita técnica você fala...

L.A – Um estudo de realidade

A.C – Visita técnica que a gente faz no módulo introdutório ou essa visita pedagógica que a gente faz depois que o projeto já está implantado?

L.A – Primeiramente eu queria que você falasse dessa primeira...

A.C – Essa é uma das estratégias que a gente usa para tentar entender, por exemplo, qual que é o espaço que vão acontecer as oficinas, é uma praça? É um salão comunitário? É uma escola? É uma quadra? É um ginásio? Quem são essas pessoas que ficam no entorno? Eu tento ir pontuando para eles: “Olha, quem já usa esse espaço? Que atividades que já acontecem nesse espaço?” A visita técnica é importante para isso, para apontar para os agentes sociais como a gente pode considerar a realidade para a nossa intervenção. Se é um espaço que prioritariamente acontece só oficina de esportes para homens, o que o convênio

tem que fazer? Qual a estratégia que os agentes sociais, coordenador de grupo, tem que pensar para que outras pessoas acessem aquele espaço para além de homens adultos que joguem futebol. Como eu posso pensar a estratégia para levar a mulher para aquele espaço? Para levar a criança? Para levar o idoso? Se aquele espaço é pouco acessível para pessoas com necessidades especiais, que tipo de ação eu posso fazer? Onde tem deficiente físico ou pessoas com necessidades especiais na comunidade? Tem algum posto de saúde onde eu posso buscar informações sobre esse público? A escola tem pessoas com essas características? E na escola eu posso ir divulgar o Programa para essas pessoas? Enfim, o estudo da realidade, essa visita técnica, é importante para isso, para mapear o que já tem quem acessa quem não acessa? Porque não acessa? E ai pensar estratégias para permitir o acesso, a construir a grade horaria. Não adianta eu já pensar em um torneio de futebol para adultos, porque já tem o futebol para adultos lá, eu tenho que pensar em atividades artísticas, atividades de ginástica, atividades esportivas para as meninas, para as crianças, para os idosos, para a gente democratizar o acesso desse espaço. Então está lá: “Democratização do esporte recreativo do lazer para as pessoas”; É um dos objetivos do Programa, estamos dialogando com isso, se a gente não faz o estudo da realidade, não tem como apontar concretamente o que eles podem fazer, porque muitas vezes o agente social que é contratado para trabalhar nesse núcleo, não é daquele bairro, e mesmo que ele seja, às vezes, ele tem uma compreensão restrita de esporte e lazer. Aquilo que eu falei lá no início do nosso bate papo. Se ele entende o esporte só no viés da competição, do esporte de alto rendimento, da escolinha de esportes só para quem sabe, e a gente não faz essa análise da realidade, não discute isso, ele vai continuar fazendo, pensando a oficina para esses grupos, então aquele que quer participar de uma oficina esportiva, mas não tem habilidade, tem vergonha porque sempre erra, ele também não vai ter acesso. A visita é importante para isso, para apontar um pouquinho o que já tem e quais são os desafios que a gente tem para superar, para efetivamente, permitir o acesso de outras pessoas ao esporte recreativo ao lazer.

L.A – E com relação à visita pedagógica, aquela que você vai quando já está em funcionamento?

A.C – O papel da visita pedagógica ajuda a gente a entender o que foi... Se eles estão usando estratégias, por exemplo, para democratizar o acesso a esse espaço, a gente vai

voltar a esses espaços, a esses núcleos, para ver quem está ocupando aquele espaço, se continua só o homem jogando futebol? Ah não, já tem lá aula de ginástica, aula de dança, aula de artesanato, já tem criança frequentando. A visita pedagógica ajuda a gente a monitorar e a entender se o núcleo, se os agentes sociais, se o coordenador de núcleo, estão desenvolvendo estratégias e ações para democratizar o acesso naquele espaço. E fora os outros aspectos que estão previstos no Programa, a identidade visual, tem lá a placa do Programa, tem a grade horária fixada, o coordenador faz o acompanhamento das inscrições, está conseguindo atingir as metas quantitativas que é ter o número mínimo de inscritos por oficina para atingir as quatrocentas pessoas que estão previstas, se é o PELC Urbano, as duzentas pessoas previstas se é o PELC Vida Saudável, enfim, na verdade agora é o Programa Vida Saudável, não é mais o... Que antes tinha o PELC núcleo Vida Saudável, agora o Vida Saudável é um programa independente do PELC. A visita pedagógica é importante por isso, nos dá elementos para monitorar, acompanhar se o Programa... Se o convênio está desenvolvendo ações que se articulam com o que está previsto no Programa, que é o trabalho coletivo, envolvimento das pessoas, valorizar a participação da comunidade, valorizar a cultura local, se as atividades estão sendo diversificadas, se não é só atividade esportiva, se o público está sendo diversificado. A visita pedagógica contribui nesse sentido, tanto pra gente pensar no que vamos abordar no módulo de avaliação, a visita pedagógica acontece um dia antes do módulo de avaliação, lógico que a gente já enviou a programação, mas é o que está sendo debatido no encontro, por exemplo, programação foi elaborada, nós entramos em contato, fizemos uma série de perguntas para o coordenador. Eu, particularmente, eu envio um roteiro para o coordenador antes de elaborar a programação, então isso também é uma estratégia de mapear a realidade: “O que está acontecendo aí? Quais são as dificuldades que vocês têm? Tem algum tema específico que a gente trata na formação? Está tendo uma dificuldade? Daqueles encaminhamentos que a gente deixou do módulo introdutório alguns ainda estão pendentes?” Então a gente elabora a programação nessa perspectiva, mas a gente chega na visita pedagógica e, às vezes, a gente identifica alguns elementos que ele não apontou para mim nesse diálogo antes de organizar a programação que eu vejo que é fundamental eu tratar. Então, às vezes, eu vou inserir, eu vou dar mais ênfase em algum tópico que já está previsto na programação, algum conteúdo, ou vou inserir algum conteúdo que não está previsto porque ele não... O que ele me respondeu para esse roteiro que eu enviei anterior a elaboração da programação não contemplou, mas eu percebi na visita pedagógica.

Propositalmente, a visita pedagógica, ela acontece um dia antes do Módulo de Avaliação um para poder ser uma referência para a nossa formação, ela é fundamental nesse sentido.

L.A – E você já atuou em formações tanto no Vida Saudável quanto no Urbano e nos povos tradicionais?

A.C – Não, no PCT<sup>8</sup> não tive oportunidade ainda, até porque eu acho que eu não tenho uma qualificação [riso] para isso, mas se tiver demanda, lógico que a gente vai tentar dialogar e buscar informações com os outros colegas que já atuaram nesse Programa, no PCT, mas eu tenho atuado bastante no PELC Todas as Idades que agora é PELC Urbano e no Vida Saudável.

L.A – Você tem alguns cuidados especiais para além dos já previstos nas diretrizes quando planeja algo para uma formação para o PELC Urbano e Vida Saudável?

A.C – Como assim?

L.A – Que tipo de preocupação você tem quando vai planejar para um ou para outro?

A.C – Considerar as especificidades de cada convênio, de cada programa. O PELC Urbano, o PELC Todas as Idades, ele também prevê atendendo o público idoso, o que diferencia do Vida Saudável? É que o Vida Saudável é especificamente é para pessoa, no último edital, acima de sessenta anos. Então, inclusive, está se qualificando isso nas diretrizes do Vida Saudável, que é trabalhar com o conceito de promoção da saúde, protagonismo da pessoa idosa, trabalhar com o estatuto da pessoa idosa, quais são os cuidados? É a gente buscar algumas estratégias, eu tento pegar alguns textos, alguns artigos que falam desse público, pegar algumas referências, alguns vídeos que trabalham a temática ligada à pessoa idosa. No PELC Urbano, trabalhar com coisas que possam remeter a esses grupos, no grupo de crianças, grupo de adultos, grupo de idoso, de deficiente físico. É uma estratégia que eu gosto muito, essa da esquete para as pessoas entenderem, assumirem um pouco o papel da pessoa que tem uma necessidade especial ou

---

<sup>8</sup> Povos e Comunidades Tradicionais

uma deficiência física, como é isso? Por que eles não vão num espaço participar de uma atividade de lazer? Será porque eles não têm necessidade disso ou porque eles têm vergonha? Então como concretizar isso? Porque às vezes eu fico lá falando quarenta minutos, uma hora sobre, mas se eu não uso essa estratégia, que é eles representarem essa dificuldade que a pessoa idosa tem ou que o deficiente tem, eles não conseguem compreender isso. É o que a gente tem percebido que essas estratégias práticas, essas dinâmicas, elas ajudam as pessoas a compreenderem. Isso não significa que eles vão se apropriar disso, muitas vezes você volta na visita pedagógica e eles tiveram dificuldades, depende muito do grupo, tem grupos de agentes sociais que você tem pessoas com alguma formação, tem grupos que você tem meio a meio, tem grupos que todos os agentes sociais não tem formação, então o PELC está sendo um ponto zero para alguns, para outros não, já esta sendo outro estágio, já tiveram outras experiências. Isso vai depender muito do grupo.

L.A – E que resultados você tem observado das formações nos agentes nos grupos?

A.C – Da formação que nós formadores desenvolvemos com eles ou do Programa em si?

L.A – Como você vê isso sendo apropriado por eles ao longo desse processo?

A.C – Isso também, a gente fala na própria formação que o Programa, ele tem, no papel dos coordenadores, um divisor de águas, se você tem um coordenador de núcleo, um coordenador pedagógico, um coordenador geral que entende qual que é a proposta do Programa e se apropria dessa proposta, a gente consegue perceber uma mudança significativa nos agentes sociais. Eu tive convênio, por exemplo, que a coordenadora, gestora do Programa do convênio é da área da Educação Física, tem pós-graduação, estudou essa questão do lazer, o resultado que se teve foi muito positivo, por exemplo, conseguiu a continuidade do Programa, de parte do Programa. Depois que acabou o convênio com o PELC, a entidade que era parceira na cessão do espaço contratou uma das coordenadoras para dar continuidade, alguns agentes sociais que eram, na época, estudantes de Educação Física se sentiram motivados para fazer pós-graduação, eles organizaram trabalhos para apresentar em congressos a partir do PELC, então, enquanto o PELC estava se desenrolando na formação em serviço, ela criou uma estratégia de provocar esses agentes sociais a produzir uma pesquisa sobre o PELC e outros convênios.

A gente vê que o agente social está ali pela grana, ele desenvolve ali o que está proposto pra ele, mas em um viés bem simples, então isso vai depender muito da característica... A gente fala de quem é o gestor do convênio. Tem muitos convênios que os agentes sociais mudam muito, porque às vezes eles arrumam outro estágio dentro da Educação Física que paga uma bolsa melhor, ele abandona o convênio e aí você tem que trabalhar com outro agente social. Mas a gente tem percebido que o próprio PELC tem pensado estratégias para cada vez que ficar mais... Os agentes sociais, que são eles que vão dar o tom, a qualidade, para a ação lá na ponta, são eles que atendem a comunidade, então, tem a EAD<sup>9</sup> então tem muitos agentes sociais que estão aderindo a EAD para tentar ter uma qualificação melhor, a formação em serviço é outro gargalo, como eu falei, se você tem um coordenador que entende o papel da formação em serviço, ela vai acontecer, se a formação em serviço acontece, quando a gente volta no módulo de avaliação percebe que o debate, a forma como eles organizam o núcleo, as oficinas, o planejamento, o monitoramento e avaliação, tem outra característica, porque esta tendo ali um coordenador atuante, que entende que essa formação é fundamental para qualificar as ações.

L.A – E algo de acompanhamento dos núcleos, após o fim do convênio, mesmo que informal?

A.C – Olha, na minha experiência, eu estou tendo uma experiência atual com o convênio de uma cidade do estado de São Paulo que eles, por exemplo, especificamente nesse convênio, eles criaram seminários. Agora em dezembro, o convênio entrou em setembro, eu fiz o módulo introdutório dois, final de setembro agora, eles vão fazer um seminário de esporte e lazer agora em dezembro, inclusive, eles me convidaram para participar da mesa. Eles vão discutir o esporte, que esporte é esse que a cidade pensa enquanto política pública? É uma cidade que tem uma política pública já faz um bom tempo, mas sempre entendeu o esporte mais no viés só das escolinhas de esporte, não pensava o esporte e o lazer para todos, para pessoa idosa, para mulher, para o adulto, para a criança. Pensava mais na formação esportiva das escolinhas e nas equipes de competição. Eu vejo nesse convênio, por exemplo, um movimento dos gestores, da prefeitura que estavam na frente do... Que são funcionários de carreira e que estavam a frente do PELC, eles mudando essa

---

<sup>9</sup> Educação à distância.



compreensão do esporte e lazer. Especificamente nesse convênio, o último edital para contratar profissionais para atuarem na secretaria, para profissionais de carreira, eles pensaram em um edital para não contratar técnicos específicos de algumas modalidades, mas sim pensaram em um edital, fizeram um processo seletivo para contratar profissionais que possam atuar nessa perspectiva do esporte e do lazer, não só da escolinha de esporte. Eu acho que é uma ação interessante. Um coordenador de núcleo que participou... Eles tiveram três convênios com o PELC, o que participou do primeiro convênio do PELC, ele foi convidado para ser gestor da secretaria e ele passar a trabalhar com a formação dos professores da secretaria, e trabalhar já dialogando com alguns elementos do PELC. A gente tem visto que em algumas cidades é aquilo que eu te falei lá atrás, o PELC passou e a gente até perde o contato, essa foi uma cidade que a gente manteve contato, algumas delas o PELC passou só.

L.A – Que pontos você identifica que podem ainda ser melhorados no trabalho do PELC?

A.C – Em relação a formação?

L.A – Em relação ao Programa como um todo, pode ser com relação a formação ou outros elementos que você acha interessante.

A.C – Olha só, eu acho que esses encontros que a gente tem que é esse momento que a gente está aqui, desses encontros de formadores, eles sempre nos provoca a pensar exatamente o que pode avançar. Hoje, eu entendo assim, como gargalo, é a gente qualificar esse sistema de monitoramento, que é um programa que se tem que é o MIMBOE<sup>10</sup> que vai facilitar esse contato entre nós, formadores, e entidade, entidade e o próprio Ministério. Eu acho que a gente conseguir avançar com a finalização, na verdade, finalização não, porque o Programa ele vai sempre estar tendo novas demandas, mas o Programa efetivamente começar a ser mais utilizado. Quando a gente saiu da sala para a entrevista é o que estava sendo debatido nós vamos ter que ter um momento para falar: “Ai ó, parou, agora é só Programa” para a gente efetivamente poder utilizá-lo mais e se apropriar mais disso. Um dos objetivos do Programa, além de monitorar e acompanhar, é também criar indicadores,

---

<sup>10</sup> Programa de Avaliação e Monitoramento do Programa Esporte e Lazer da Cidade.



que até então com essa proposta física de mandar relatório via e-mail dificulta um pouco essa sistematização de dados, que é um pouco o que o Ministério quer. Ter esses indicadores e para qualificar ainda mais para onde o Programa pode ir, para onde o Programa pode caminhar. A gente poder nas nossas formações ter... Acho que a parte do Programa facilita isso, sensibilizar mais os gestores da importância da formação. Talvez até a gente pensar mais nessas nossas formações *in loco* quais são as estratégias que podem qualificar ainda mais os agentes sociais e os coordenadores de núcleo, da importância da formação em serviço, por exemplo, da importância da constituição do conselho de gestor, que são dois elementos importantes para sensibilizar a comunidade. Se você não tem um grupo gestor, o conselho gestor que é levar representantes da comunidade para debater o Programa, como que eles vão se apropriar e entender o lazer como um direito social se constituir enquanto grupo para tornar um grupo de pressão que vá reivindicar o lazer e o esporte como um direito social? Pensar nessas estratégias que sensibilizem o gestor, o agente social, o coordenador de núcleo para essa sensibilização da própria comunidade.

L.A – André, do roteiro a gente já passou por vários pontos, mas eu queria saber se você quer colocar alguma outra coisa, se alguma coisa eu não te perguntei e você acha importante ou se quiser fazer uma consideração geral.

A.C – Acho que foi contemplado tudo no seu roteiro, mas acho que é frisar isso mesmo, o desafio do PELC sempre estar assim... semestralmente e também presencialmente. A cada seis meses a gente se encontra presencialmente. Nós temos também encontros bimestrais ou trimestrais via plataforma do *Hangout*<sup>11</sup> que tem convidados, que vem debater alguns temas que a gente mesmo demanda. O planejamento participativo, educação popular, o último foi semana passada sobre o EAD, enfim, são estratégias que o convênio tem. O Programa tem sempre como norte a formação, como qualificar a nossa formação, a formação dos formadores, para que isso também possa qualificar a formação dos agentes sociais para que chegar lá na ponta. Talvez algo que eu queria destacar é a necessidade que o Programa tem de ser um pouco menos burocrático no processo de conveniamento e eu acho que perpassa um pouco pela necessidade que a própria área de esporte e lazer tem que é na formação do gestor. A gente vê que, às vezes, a coisa é tão simples, mas o gestor da

---

<sup>11</sup> Plataforma de mensagens instantâneas via áudio e ou vídeo pela internet.

prefeitura não tem preparo nenhum para isso, para entender o que é um projeto, onde ele vai buscar esse recurso, como ele vai usar esse recurso, ele entender que um recurso público depois exige um acerto de contas, uma prestação de contas, que é isso que às vezes inviabiliza. Alguns entraves, por exemplo, a gente faz a formação do módulo introdutório e demora um tempão até que esse convênio tenha a tal da ordem de início para ele começar a atender a comunidade. A desburocratização seria um aspecto importante para se pensar. Talvez, estar pensando isso para a próxima diretriz que vai sair agora em 2016, mas enfim... Ah, e queria também deixar registrado que isso que vocês estão fazendo é um pouco do que eu estou estudando no meu doutorado. Estou tentando entender como que é a trajetória desses formadores, as primeiras perguntas que você fez, por exemplo, tem um monte de dados de todos os formadores, qual que é a formação? Qual foi a trajetória? Enfim, e o que esse envolvimento com o PELC contribuiu com a construção dos saberes deles sobre lazer, sobre políticas públicas, sobre esportes. Nós também estamos nessa caminhada de tentar entender o papel da formação desses profissionais que estão como formadores do PELC.

L.A – Bacana, em breve sua tese estará no nosso banco de dados [Riso], em breve nem tão breve, está no meio do processo.

A.C – Estou finalizando. Já coletei todos os dados, agora só estou analisando.

L.A – Você defende já no final do ano que vem?

A.C – Eu posso defender até setembro, mas eu quero defender antes. [Risos]

L.A – Está certo. André, muito obrigada.

[FINAL DA ENTREVISTA]